

**Como analisar um livro didático de história**

**Prof. Dr. Francisco José Alves**

**(Departamento de História da Universidade Federal de Sergipe)**

**e-mail: [fjalves@infonet.com.br](mailto:fjalves@infonet.com.br)**

O manual, gostemos ou não, é um instrumento onipresente no ofício de ensinar. Quantos professores, no ensino médio e fundamental, têm condições materiais e intelectuais de “construir” o seu próprio livro didático? De fato, nas condições vigentes, o manual é indispensável... Assim sendo, a sua escolha é tarefa e merece muitos cuidados. O manual a ser utilizado deve ser, previamente, minuciosamente examinado. Como fazer isto? Que meios usar para efetuar tal dissecação? A análise dos textos didáticos de história poderá atentar para os seguintes aspectos:

- 1- Visão do autor quanto à natureza da história;
- 2- Concepção do autor quanto à relação da história com as demais ciências;
- 3- Perspectiva do autor quanto à função social da história;
- 4- Formato do relato ou da síntese histórica;
- 5- Foco de abordagem;
- 6- Critérios de periodização;
- 7- Bibliografia utilizada;
- 8- Filiação teórica e metodológica da obra;
- 9- Recursos oferecidos pela obra;

Consideremos, brevemente, cada uma destas facetas, atentando para importância delas na configuração geral de um manual de história.

- 1- Um primeiro aspecto a ser considerado na escolha do manual de história é, sem dúvida, **a visão do autor quanto ao estatuto da disciplina**. Que tipo de conhecimento é a história na concepção do autor? As posições são diversas. Há aqueles que encaram a disciplina como ciência nomotética, ou seja, generalizadora, tal como as ciências as ciências naturais. Há outros que consideram a história como a ciência “particularizadora”, conhecimento singularizante que aborda seres marcados pela “unicidade”. Por fim, há ainda

alguns que tomam o saber histórico como discurso não científico muito similar a ficção. As vezes tais posições estão explícitas na introdução ou prefácio do manual. Noutros casos, a posição é implícita. Seja como for, é preciso ler a obra devagar, com a “lupa”, muitas vezes, com cuidado. Saber como o autor concebe a história é fundamental na formação de uma obra desta natureza.

- 2- **A relação da história com as demais ciências** é um outro elemento, revelador do perfil do manual didático. Como o autor do texto pensa o saber histórico no concerto das demais ciências? Esta relação interdisciplinar manifesta-se no livro didático de dois modos básicos. O autor pode fazer uso dos conceitos de outras ciências na confecção do relato. Assim, pode valer-se de conceitos antropológicos, sociológicos, econômicos, geográficos ou psicológicos. Tais noções são usadas para nomear os chamados **fatos históricos**, os acontecimentos. O autor pode ainda valer-se das ciências humanas invocando os **princípios explicativos** oriundos de outros campos disciplinares. A relação da história com as demais ciências evidencia-se ao longo do texto, quando o autor tece o seu relato, quando faz a apresentação dos eventos.
- 3- Outro ponto nodal, na avaliação de um manual de, é a **visão de um autor quanto à função ou papel social do saber histórico**. Para que serve a história, para que ela é pesquisada, ensinada, transmitida? As respostas a tais indagações são também, como vocês sabem, variadas. O autor do livro texto pode conceber a difusão da história como um meio de “conscientizar” os alunos quanto à dominação de classe. É o caso dos marxistas. Ou, pode ver no ensino de história uma ferramenta para **desconstruir** os “heróis oficiais”, os pilares do patriotismo. Pode ainda centrar o seu propósito na idéia de que o “povo” é o verdadeiro protagonista da história. É o caso dos populistas. Por outro lado, o autor didático

pode encarar a história como meio para “formar cidadãos” capazes de conviver com as diferenças culturais. Assim sendo, pode conceber o ensino de história como um alargamento de horizontes mentais, uma “lição” de convivência.

- 4- O “formato” do relato ou da síntese, adotado pelo autor, é um outro elemento definidor de um manual de história... Como o autor **enreda** ou **encadeia** eventos? Como ele ordena os fatos? Nos manuais didáticos de história são comuns dois modos de ordenamentos. O mais comum é o arranjo cronológico, ou seja o autor organiza os eventos seguindo o fio do tempo. Isto depois daquilo...

Neste caso, o manual toma o formato de uma narração de eventos sucessivos na sequência temporal. É a forma tradicional do manual de história. Uma outra possibilidade, é o **formato sistemático**. Em vez da sucessão temporal, o autor dispõe os acontecimentos enquanto “sistema” constituídos de elementos. Neste caso, o texto toma forma de **análise**. É a chamada “história temática”, o relato ordenado por assuntos. Neste caso, a cronologia não é o fio condutor da obra.

- 5- **O foco da abordagem** diz respeito aquilo que é destacado ao longo do manual de história. Este elemento é muito revelador da concepção do autor, da noção de história por ele esposada. É preciso atentar bem para este aspecto do livro examinado. Deve-se perguntar: que facetas do passado o autor acentua ou põe em destaque? É a economia, a mentalidade, o cotidiano, o simbólico, os eventos políticos? A escolha dos fatos não é inocente pois revela aquilo que o autor põe no procênio da história. Ela revela muito da idéia de história do autor. Há, quanto a isto, enfoques diversos. O manual pode ainda ser **policêntrico**: um pouco de política aqui, uma pitada de “mentalidade acolá”, um taco de “cotidiano”, alhures.

Nestes casos, o passado é visualizado como um painel de heterogeneidades.

- 6- A **periodização** é uma outra dimensão significativa num manual de história.

Como autor “fatia” o tempo? Que critérios usa para escandir as fases? Os critérios de periodização, na historiografia didática são, predominantemente, tradicionais. O manual perpetua o modo costumeiro de dividir as etapas da história.

Tratando-se da história do Brasil, surge, quase sempre, a famosa divisão: Colônia, Império, República... Tal divisão “indica” uma abordagem com ênfase na dimensão política. Todavia, o autor do manual pode ordenar as épocas tomando como “marco” a dimensão sócio-econômica: comunismo primitivo, escravismo colonial e capitalismo. No manual da chamada **História Geral** costuma vir a canônica divisão: Pré-História, Antiguidade, Idade Moderna e Idade Contemporânea...

- 7- **O suporte bibliográfico** é um outro aspecto a se considerado no exame do manual. Ele é, por sua natureza, uma síntese da bibliografia especializada. Cada tópico de um manual, na verdade, deve estar ancorado em estudos particularizados. No exame do livro é pertinente indagar a natureza, a extensão, e a necessidade da bibliografia utilizada. Que livros lhe dão sustentação? Neste aspecto, deve ser considerado também a atualidade do suporte. O autor resumiu os estudos especializados ou apenas copiou o já dito nos outros textos livros didáticos? O autor demonstra conhecer as abordagens recentes. Ou ao contrário, é desatualizado? O exame cuidadoso revelará isto. Cabe também indagar se ele indica “bibliografia suplementar” para cada assunto focado.
- 8- Todos os elementos antecedentes dão pistas no sentido de identificar **o perfil teórico e metodológico do autor** do manual. Assim, a opção teórica manifesta

se no enfoque, na bibliografia, na periodização, na idéia de história e na função social que o autor atribuí ao saber histórico. Da conjunção destes fatores, emerge o perfil da obra. A abordagem é marxista, positivista, "analista" ou pós-modernista? O fito da análise não deve ser por rótulos pejorativos ou elogiosos na obra examinada. A meta é visualizar uma concepção de história. É conveniente que o usuário-professor saiba a visão de história adotada pelo autor do livro didático de que está se valendo. Um uso consciente demanda tal consideração, tal apreciação de fundo. É um absurdo usar um manual sem saber qual é a orientação manifesta na obra. A **opção teórica e metodológica** do autor manifesta-se em muitos **aspectos textuais**. Dentre estes elementos podemos destacar: o modo como ele encara os fatos narrados, os eventos postos em destaque, os autores invocados como apoio na inteligência dos fatos históricos; os conceitos e teorias usados na explicação dos eventos etc. O discernimento de tais fatores exigem de examinador de livro didático de história espírito minucioso e leitura paciente do texto. O melhor caminho a seguir é o **dedutivo**. Ou seja, a conclusão deve resultar do conjunto dos "indícios" recolhidos ao longo da leitura e não somente das declarações de princípios feitas pelo autor do manual, geralmente, na introdução ou no prefácio da obra. Há autores que prometem mas não conseguem cumprir o prometido. Anunciam um manual "moderno" mas terminam se dobrando ao peso da tradição.

- 9- Por fim, o manual didático deve ser examinado quanto aos **recursos extra-textuais** oferecidos. Falo das fontes de época. Aludo aos recursos iconográficos. Tendo em vista que o contato do aluno com os testemunhos de época é algo muito desejável, tem mais **valor** o manual que traz abundantes testemunhos, com cuidadosa indicação da procedência. Ganha relevância o manual com rica

iconografia, tanto de época como de facilitação didática, como mapas, gráficos, diagramas. É meritório o livro que propõe exercícios com as evidências históricas, trabalhos que acionam a imaginação e o engenho do estudante. É meritório o texto que traz cronologias e quadros sinóticos para auxiliar o alunado no ordenamento mental dos eventos.

### Notas

<sup>1</sup>Para análise do livro didático de história na década de 1980, consultar: CAIMI, FLÁVIA HELOISA. **Conversas e controvérsias**. Passo Fundo: UFPF, 2001; DIEHL, Astor Antônio (org). **O livro didático e o currículo de história em transição**. Passo Fundo: Ediuf, 1999.

<sup>2</sup>Ver, dentre outros: Reis, José Carlos. **A História entre a filosofia e a Ciência**. São Paulo: Ática, 1996.

<sup>3</sup>MENDONÇA, Nadir Domingos. **O uso dos conceitos**. 4 ed. Revista atualizada. Petrópolis: Vozes, 1994; VEYNE, Paul. Teoria, Tipos, Conceitos. **Como se escreve a história**. Lisboa: Edições 70, 1983; BLOCH, Marc. A análise Histórica. **Apologia da História ou o ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. p.-125 153.

<sup>4</sup>FERRO, Marc. **A História Viglada**. São Paulo: Martins Fontes, 1989; CHESNEAUX, Jean. **Devemos fazer tabula rasa do passado?** São Paulo: Ática, 1995.

<sup>5</sup>WHITE, Hayden. O texto histórico como artefato literário. **Trópicos do Discurso**. São Paulo: Edusp, 1994. P. 97-116; WHITE, Hayden. **Metahistória**. São Paulo: Edusp, 1992.

<sup>6</sup>GLENISSON, Jean. A distribuição do tempo na história: a periodização. **Iniciação aos Estudos Históricos**. 4 ed. São Paulo: DIFEL, 1983. p. 41 76; DOMOULIM, O. Periodização. In: BURGUIÈRE, André (org). **Dicionário das Ciências Históricas**. Rio de Janeiro: Imago, 1993. p. 590-592; RODRIGUES, José Honório. Periodização na

história do Brasil. **Teoria da História do Brasil**.ed. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1978. p. 125-144.

<sup>7</sup>SODRÉ, Nelson W. **A ideologia do colonialismo**. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 1984; FICO, Carlos; POLITO, Ronald. **A história do Brasil (1980 1989)**. Ouro Preto: UFOP, 1992; CAIMI, Flávia Heloisa. **Conversas e Controversias**. Passo Fundo: UFPF, 2001; FONTES, José Silvério Leite. **Marxismos na historiografia brasileira contemporânea**. São Cristovão: Editora da UFS, 2000; MELO, Manuel Palácio da Cunha E. **Quem explica o Brasil**. Juiz de Fora: UFJF, 1999.

\*Exposição apresentada no Ciclo de Debates sobre o Livro Didático. Cidade Universitária Professor José Aloísio de Campos -UFS, 10 de agosto 2005

**Referência:** ALVES, Francisco José. **Como analisar um do livro didático de história**. Disponível em: <http://fjalves.wixsite.com/sitiosdahistoria/como-fazer-dicas-metodologicas>. Acesso em 06/09/2018.